

---

# A filosofia no ensino médio: a prática na sala de aula

Philosophy in high school: the practice in the classroom

Angeluce Comoretto Parcianello<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo delinear a filosofia no ensino médio: a prática na sala de aula com conteúdos propostos pela escola. Essa prática ocorreu numa escola do perímetro urbano no centro de uma cidade situada no Rio Grande do Sul, no ano de 2001. As aulas foram ministradas para adolescentes entre 14 e 19 anos idade. Procuramos envolver o aluno ao máximo para que ele próprio se sentisse instigado para discutir os assuntos propostos na sala de aula, com metodologia e análise da avaliação e prática docente.

**Palavras-chave:** Filosofia. Sala de aula. Prática.

**Abstract:** This paper aims to outline the philosophy in high school, the practice in the classroom with the same content offered. This practice occurred in a school in the urban town center located in Rio Grande do Sul, in 2001. Classes held for teens between 14 and 19 years old. We seek to engage the student to the maximum so that he felt concerned to discuss the issues raised in the classroom, with methodology and analysis of assessment and teaching practice.

**Keywords:** Philosophy. Classroom. Practice.

## Introdução

Este trabalho tem por objetivo apresentar a prática na sala de aula das atividades desenvolvidas na prática de ensino no ensino médio do Curso de Filosofia, na Escola de perímetro urbano no centro da cidade de Santa Maria/RS, durante o segundo semestre letivo do ano de 2001.

As aulas foram ministradas para a 2ª série do curso de Filosofia, turno da noite. Os conteúdos desenvolvidos foram os seguintes: Ciência Medieval; a Ciência na Idade Moderna; o Método Científico. Esses assuntos foram sugeridos pela escola, pois fazem parte do programa oficial estabelecido para o curso de Filosofia na Escola. A prática de ensino na sala de aula foi desenvolvida no período de setembro a dezembro do referido ano, considerando reuniões de orientação e planejamento, observações, aulas e regência de classe.

---

<sup>1</sup> Especialista em Gestão Educacional – Professora de Filosofia. E-mail: angelucec@yahoo.com.br.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: num primeiro momento será exposta a metodologia de ensino e a proposta de avaliação; em seguida, o cronograma, o programa da escola, as aulas ministradas com o plano de assunto e o conteúdo trabalhado em sala de aula; e, finalmente, o ensino de filosofia – a prática e a questão filosófica – com a análise da prática docente.

### **Metodologia de ensino**

Entendendo a metodologia de ensino como um conjunto de ações que viabilizam o processo pedagógico. Buscamos no decorrer das aulas propor atividades que contemplassem métodos e técnicas coerentes com a realidade e interesses dos alunos. É importante salientar que esta metodologia esteve intrinsecamente relacionada aos objetivos propostos e aos meios avaliativos, visto que favorece a mediação entre os conteúdos trabalhados em sala de aula, condições de existência e o comprometimento da clientela envolvida.

A metodologia, além da função educativa, deve ter a finalidade formativa, em função do processo vital de emancipação teórica e prática do educando, onde a este deve ser proporcionado um modo significativo de assimilação crítica da ciência e o confronto desta com as necessidades socioculturais, tendo o compromisso de aumentar cada vez mais a capacidade crítica e criadora do educando.

Destacamos a importância em refletir sobre a utilização dos métodos e técnicas enquanto recursos utilizados na execução de uma metodologia de ensino, sendo assim, há uma relação teórica/ prática no processo educativo. O uso adequado e eficaz dos métodos de ensino visa assegurar no processo de transmissão/assimilação de conhecimentos e habilidades, a atualização das capacidades potenciais dos alunos, de modo que adquiram e dominem métodos próprios de aprender.

Quando falamos nas diferenças entre métodos e técnicas logo percebemos a questão da abrangência, ou seja, a técnica (ou instrumento) é um detalhe do método, é uma atividade que faz parte da metodologia do professor. Servirá como complemento na tentativa de alcançar os objetivos previstos ou não. Já o método é o conjunto destas estratégias de ensino, de forma organizada, que visa propiciar diversas possibilidades para atingir um objetivo, sempre assumindo um compromisso social e pedagógico com a realidade.

Podemos dizer que todo método ou técnica de ensino deve conduzir o aluno a criticar, pesquisar, julgar, concluir, correlacionar, diferenciar, conceituar, enfim, refletir. Estes métodos foram utilizados a fim de motivar e orientar o educando na produção de seus conhecimentos.

Dentre os métodos utilizados, encontram-se o método expositivo participativo, método de elaboração conjunta, trabalhos em grupos e individuais e, enfim, atividades de pesquisa extraclasses. Todos os métodos utilizados contribuíram para diversificação das atividades em aula, propiciando um enriquecimento significativo dos agentes envolvidos no processo de ensino.

Esta variedade só é positiva na medida em que o professor tenha domínio desses meios, a fim de tê-los como aliados na eficácia do processo educativo, gerando uma motivação dos educandos em relação aos conteúdos de ensino. Nessa perspectiva, buscamos a partir dessa metodologia sistematizar uma prática pedagógica coerente e comprometida com o desenvolvimento integral dos alunos.

### **Avaliação e proposta de avaliação**

O caso de avaliar na vida cotidiana se dá permanentemente e é feito através de juízos provisórios, opiniões consideradas como correntes e que nos ajudam nas tomadas de decisões. Assim a pessoa está colocando em funcionamento suas habilidades, sentimentos, ideias e ideologias. Nessas relações estão implícitos aspectos pessoais dos indivíduos e também aspectos adquiridos em suas relações sociais.

A avaliação inicia-se propriamente antes de começar as atividades, é a etapa de planejamento em que o professor avalia todo o processo educativo, verificando, antes de qualquer coisa, as possibilidades, as necessidades, os métodos, os recursos e tudo mais que vai influenciar na execução do planejamento.

O processo avaliado se faz presente em todos os momentos vividos em sala de aula, não havendo dissociação com o cotidiano dos alunos. Com isso, a avaliação deve ser de forma contínua. O aluno está sendo avaliado diariamente no desenvolvimento das atividades em sala de aula e fora desta, através de trabalhos escritos, trabalhos de pesquisa, da participação, do compromisso, dentre outros elementos que fazem parte do ensino.

Avaliar não é somente atribuir notas; é o meio para transpor os obstáculos que vão surgindo ao longo do processo. Nesse sentido, nos preocupamos no decorrer do processo em utilizar diferentes meios dos quais os alunos tinham a oportunidade de demonstrar seu aprendizado, estabelecendo relações entre o novo conhecimento e a realidade histórica e concreta em que estão inseridos. Isso se deu através de atividades de pesquisa e discussões elaboradas em grupos ou individualmente.

### **O conteúdo desenvolvido na prática na sala de aula**

Plano de assunto:

- 1 - A Ciência Medieval: tipos e sentidos do uso do termo.
- 2 - A Ciência na Idade Moderna, a Revolução Científica e o Século XVII
- 3 - O Método Científico.

Objetivo: No final das aulas o aluno deverá ser capaz de:

- a) Construir conceito e identificar os mesmos através dos textos oferecidos pelo professor. A construção conceitual será satisfatória se o aluno for capaz de desenvolver o tema proposto e escrever um texto exemplificando seu escrito;

- b) Fazer uma comparação entre os períodos das ciências Antiga, Medieval e Moderna. Isso será satisfatório se o aluno for capaz de fazer comparações entre períodos, entre as ciências e exemplificar o seu escrito;
- c) Responder questionário sobre o tema e o método científico;
- d) Relacionar os seguintes assuntos: Física, Química e Biologia. O processo de ensino-aprendizagem será satisfatório se o aluno for capaz de: a) responder 70% das perguntas do questionário; b) se exemplificar com clareza as relações feitas entre os assuntos acima abordados.

Técnicas: Expositiva; em grupo; reunida; por aproximação. Apresentação dos trabalhos; exposição participativa; estudo através do texto; trabalho em grupo; trabalho reunido e por aproximação; entrega do trabalho para todos acompanhar e discussão em grande grupo.

Recursos: Quadro de giz e giz; livros de Filosofia; reportagem de jornais – uma história de amor – A guerra da água – O vício do cigarro – A guerra do Afeganistão. A exposição se deu de modo participativa e por meio de estudos, da leitura do texto trabalhado em grupo, seguindo-se a discussão em grande grupo.

Atividades: 1º momento: os alunos deverão ler um texto de ciência Medieval, e a partir deste construir o seu conceito; 2º momento: distribuir fragmentos do texto aos grupos; 3º momento: apresentação dos trabalhos em grupo e entrega dos mesmos.

Avaliação: Trabalho feito dos fragmentos do texto e de reportagem. Para isso os alunos terão acesso aos jornais e revistas. Participação em sala de aula, trabalhos feitos em grupo, questionário sobre o tema e método científico, trabalho de relacionar Física, Química e Biologia em sala de aula.

Observação: Confraternização e encerramentos das atividades com o objetivo de propor um momento de integração e descontração entre professores e alunos, com homenagem aos alunos através da leitura e entrega de uma mensagem e bombons. A seguir confraternização com lanche.

A prática de ensino na sala de aula, foi desenvolvida em aproximadamente dez encontros presenciais, com o conteúdo dividido e estabelecido em plano de assunto, com o conteúdo definido na grade curricular da escola onde fora desenvolvido. Para despertar mais curiosidade nos alunos, foram abordados também textos de jornais com assuntos relevantes e de interesse dos próprios alunos, sempre voltado para a filosofia, para que fossem atingidos os objetivos e as atividades propostas e os resultados fossem satisfatórios.

Neste contexto o ensino de filosofia, abordado na prática em sala de aula, faz parte da grade curricular da escola. Embora a filosofia tenha sofrido drásticas transformações ao longo

dos anos, a filosofia em um determinado momento desapareceu das escolas, devido à reforma que os 1º e 2º graus sofreram. Mas apesar de toda dificuldade encontrada para ministrar filosofia nas escolas, ela vem retornando aos poucos e despertando esperanças a quem ensina e a quem aprende.

A filosofia foi "deixada de lado" devido ao foco da educação que visava um ensino mais técnico-profissionalizante do que humano. Assim sendo, ela passou a ser uma disciplina optativa o que de fato levou a sua extinção. Poucas foram às escolas que conseguiram manter a filosofia em sua grade curricular. Na década de 80, a filosofia volta de forma discreta a ser implementada no ensino de 2º grau, mas ainda como disciplina optativa.

O processo de massificação foi um dos motivos pela queda da qualidade do ensino, pois com isso, houve uma expansão quantitativa de ingressos das camadas populares e assim como forma de equilibrar, a qualidade de ensino caiu. A escola não era mais elitista, pois, até então, a filosofia proporcionava a formação cultural dos jovens de classe média e alta que ingressavam na universidade. Deve-se assim visar à educação para a formação de jovens que são oriundos de diversas camadas sociais.

Essa massificação juntamente com os meios de comunicação contribuiu para a difusão da instrução, incorporando alguns setores que antes eram excluídos. Diante dessa situação, o ensino de filosofia passou a ser visto como uma exigência democrática. A princípio a filosofia era vista como uma disciplina complexa que só poucas pessoas conseguiriam compreendê-la.

Como agora a realidade é outra bem diferente, não mais voltada somente à classe elitista e sim à camada de massas, o ensino de filosofia deve alcançar a todos de maneira igual e de forma simples. Essa adequação faz com que surjam algumas divergências na didática dessa disciplina. E é nesse ponto que mora o grande desafio de ensinar filosofia, fazer com que ela alcance a todos, de maneira igualitária sem deixar de lado a qualidade do ensino.

Evidentemente trata-se de um processo crucial, pois envolve a construção de ideias e atitudes a partir da resposta do educando e suas vivências. A cada passo dado, surge um novo aprendizado. O fator importante nesse caso é a interpelação da subjetividade do educando como algo essencial à maneira de lidar com os conhecimentos.

Ao aprendiz-filósofo deve ser cultivado o desejo pelo saber, jamais a mera transmissão de conceitos. O objetivo aqui sustentado é o distanciamento dos formatos clássicos de ensino. Torna-se premente cada vez mais a emancipação do educando, o que não impede a utilização de métodos legítimos para filosofá-lo. Com isso a implementação de novas disciplinas, no caso da Filosofia, além de rechearem a disposição da matriz, tem a tarefa de formar verdadeiros agentes compromissados com a realidade social.

Os objetivos educacionais, expressões, portanto, propósitos defendidos explícitos quanto ao desenvolvimento das qualidades humanas que todos os indivíduos precisam adquirir para se capacitarem para as lutas sociais de transformação da sociedade (LIBÂNEO, 1991, p. 120).

É compreensível a todos que a educação brasileira está envolta a muitas diversidades e, assim sendo, o ensino de filosofia no nível médio, ganha um arsenal de perspectivas. Temos nas escolas características bastante heterogêneas outras bem congruentes marcadas pela violência, pela invasão das novas tecnologias de comunicação, por estruturas familiares contestáveis, etc. Todos esses fatores pesam quando se envolve o ensino. Evidentemente esta não teria um fim e nem resolveria todos os problemas, mas, por seus pressupostos elementares, mostraria uma nova visão de mundo no processo de ensino.

O processo ensino-aprendizagem deve ultrapassar o espaço das paredes da escola e interagir com as reais necessidades dos educandos. A resposta para que tenhamos uma efetiva democracia na educação seria justamente essa: ouvir e procurar solucionar cada uma delas. A disciplina de Filosofia recentemente inserida na matriz curricular é aquela que mais condiz com tal preceito, pois de forma autêntica vem guiar os discentes a uma reflexão acerca da realidade que o circunda. Os temas abordados por ela sempre envolvem discussões filosóficas presentes em toda a história, desde a Antiguidade até os dias atuais.

Tal estrutura não é fixa no ensino de Filosofia. O esquema pode se reduzir a conteúdos mínimos que se contrapõem ao verdadeiro “fazer filosófico”. A estratégia didática deve abrir espaço para o aluno, pois ela “dá lugar ao pensamento dos estudantes, à medida que a problematização seja uma construção coletiva” (KOHAN, 2004, p. 38). Logo é inquestionável afirmar: o ensino de Filosofia é o próprio filosofar, como denotava Kant, ou seja, o professor é quem instiga o outro a pensar, e a cada resposta dada os conhecimentos são reordenados, e assim por diante.

### **O ensino de filosofia – a prática e a questão filosófica**

O ato de filosofar para Kant só é possível pelo uso contínuo da razão, só ela permite um diálogo crítico com a filosofia. Ou seja, possuímos um instrumento perspicaz de compreensão, estritamente filosófico, que nos permite analisar no presente no passado e no futuro a Filosofia. Ele não propõe um método vazio, nem tão pouco a transmissão de teorias, mas pela junção de ambos concebe que fazer filosofia é o próprio ato de filosofar. Lemos em Kant, na *Crítica da Razão Pura*:

Só é possível aprender a filosofar, ou seja, exercitar o talento da razão, fazendo-a seguir seus princípios juízos universais em certas tentativas filosóficas já existentes, mas sempre reservando à razão o direito de investigar aqueles princípios até mesmo em suas fontes, confirmando-os ou rejeitando-os (KANT, 1983, p. 407-408).

Entrelaçando-se o ato de filosofar e a Filosofia, concluímos que não é possível fazer o primeiro prescindindo do segundo. Ela vive e reina abrindo janelas, de modo que

a própria prática da filosofia leva consigo o seu produto e não é possível fazer filosofia sem filosofar, nem filosofar sem fazer filosofia (...) porque a filosofia não é um sistema acabado nem o filosofar apenas a investigação dos princípios universais propostos pelos filósofos (GALLO; KOHAN, 2000, p. 184).

Filosofia e filosofar são indissociáveis; o caminho de um leva simultaneamente ao outro. Não é matéria ao esmo, mas corpo de entusiasmo, que se dar no movimento da razão. Criamos e recriamos conceitos por meio do filosofar, desafiamos as inquietações dos jovens pela busca de compreensão, de significado e valor da realidade. A filosofia em si mesma nasce das variadas aflições humanas, do estranhamento e do incômodo; ela busca saídas para os problemas concretos. As questões filosóficas são, portanto, universais, são humanas.

Potencialmente, a prática docente no ensino de filosofia favorece o desenvolvimento contínuo do educando; ela propicia o reconhecimento do saber do outro. Dar significado ao que não é sistematizado e o docente se dá conta do verdadeiro filosofar, sem a utilização de métodos mágicos. O professor-filósofo se confunde com o filósofo-professor; na prática ambos estão tão emaranhados que não sabemos dissociá-los. O ensino de filosofia retrata isso. Porém, esta abordagem não foi das mais fáceis. Tratar da filosofia é tratar do pensamento filosófico e dos filósofos dentro da história e das ciências.

Nesse processo o processo se fez a seguinte pergunta: o que é e como ensinar a filosofia? A construção da prática docente depende dessas repostas bem como do êxito do ensino da disciplina em questão. As repostas começam quando o docente descobre a importância de se ensinar Filosofia, e os alunos apreendem seu teor peculiar bem como o nexo causal com os demais campos do saber.

A reposta que muitas vezes se encontra sendo repetida como um refrão é a de que a filosofia é importante para a formação crítica do sujeito etc. No entanto, apesar da generalidade a que está submetida essa afirmação, ela corrobora o vazio de sentido para os alunos que ali se encontram.

O fazer filosófico do professor de Filosofia na prática enuncia-se não em pedagogias e métodos corriqueiros, se assim o for, corremos o risco de fadá-lo ao fracasso. Por isso, a melhor forma de sintetizar o fazer filosófico em seu dever de ofício é ser um filósofo-professor.

Inquestionavelmente o ambiente escolar é o espaço onde a harmonia é elemento importante para o bom resultado da intervenção pedagógica e prática educativa. De bom grado confluem os objetivos de seus agentes, sendo este ainda um espaço de discussão e interação. Sob a égide desse pensamento, a Filosofia situa-se como uma peça articuladora interdisciplinar, pois promove junto a outras áreas do saber, o pensar autônomo.

### **Análise da prática docente**

Atuar como educadora frente a alunos em formação profissional do curso de Ensino Médio, consiste em uma tarefa que exige muita responsabilidade, pois percebo a importância que tem o educador para o seu grupo de alunos, quando colocamos em prática a teoria estudada durante anos de curso.

Esta prática é excelente, pois através dela é que podemos compartilhar os nossos conhecimentos adquiridos. Pois, o verdadeiro professor é aquele que consegue agregar a curiosidade de seus alunos, fazendo com que os mesmos possam ser sujeitos críticos e ativos na sociedade. A Prática nos oportunizou condições para refletir que tipo de professora somos, e que alunos queremos formar, num processo, onde educador e educando estejam sempre em busca de novos conhecimentos.

### **Considerações finais**

A Filosofia está nos currículos escolares do Ensino Médio. Mas a legitimação da disciplina por professores, alunos, instituições ainda está acontecendo – e depende do que se faz e do que se pensa dela pedagogicamente (E, por conseguinte, acaba por criar a necessidade de uma filosofia do ensino de Filosofia). Se por um lado a Filosofia no nível médio não forma filósofos, por outro, deve permitir ao aluno apropriar-se do modo filosófico de pensar que é conceitual, reflexivo, argumentativo e problematizador. A história da Filosofia, das ciências nesse cenário, gera “painéis” para serem usados como base (central ou referencial), mas não encerram a Filosofia. As estratégias de sala de aula demandam amplo conhecimento do imaginário e da cultura dos alunos. Cabe ao professor se perguntar qual o tipo de abordagem filosófica é desejável para ser educativo. Deve, pois, definir o lugar de onde fala e para onde quer ir – as estratégias didáticas para a aplicação da prática docente na sala de aula.

Portanto, o presente trabalho buscou trazer uma contribuição para a construção de possíveis planos de aula e reflexões sobre a realização da prática docente na sala de aula, de modo específico, para a disciplina de Filosofia no Ensino Médio.

### **Referências bibliográficas**

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo: Ed. Moderna, 1996.
- BUENO, Silveiro. *Minidicionário*. Ed. Lisa Ltda.
- GALLO, S.; KOHAN, W. *Filosofia no ensino médio*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- JORNAL ZERO HORA. *A preparação para a guerra*. Porto Alegre, sexta-feira, 28/09/2001.
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. 2. Ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção “Os Pensadores”).
- LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Ed. Cortez, 1991.
- MOREIRA, Roberto Carlos. *O Jornaleiro*. Itajaí-SC. Edição especial. 1997.